

***Txeka kel muv* – Panorama do contato linguístico cabo-verdiano-inglês e integração dos anglicismos no cabo-verdiano**

Christina Märzhäuser

Universität Mannheim

Esta contribuição aborda os empréstimos do inglês na língua cabo-verdiana em diferentes épocas de contato linguístico entre estas duas línguas. Aborda a história externa deste contato, começando com a presença marítima de barcos ingleses na região oeste-africana no século XVII, passando pela presença de Britânicos e de *Kroomen* anglófonos em Mindelo no século XIX dado à importância do seu porto para os barcos de vapor transatlânticos, até aos movimentos de emigração e as comunidades crioulo-falantes em territórios anglófonos e ao contato mediatizado do caboverdiano com o inglês hoje em dia. Inclui também comentários meta-linguísticos sobre uso e aceitação dos anglicismos nos diferentes contextos. Depois de algumas observações sobre adaptação grafêmica e fonético-fonológica do material lexical inglês emprestado, analisam-se em mais detalhe a integração morfológica e morfo-sintática destes empréstimos, e as mudanças semânticas em comparação aos seus étimos ingleses. Está incluída uma lista de anglicismos das diferentes descrições linguísticas, de dicionários e glossários, e empréstimos mais recentes de canções, fontes digitais e orais.

Palavras-chave: caboverdiano, anglicismos, história externa de contato, integração morfológica e morfossintática de empréstimos.

1. Introdução

Esta contribuição apresenta uma abordagem dos anglicismos na língua cabo-verdiana (CV), isto é, dos empréstimos do inglês (Ing.) que fazem parte do léxico desta língua crioula de base lexical portuguesa. O tema é abordado em perspectiva diacrónica e sincrónica. Os anglicismos analisados provêm de fontes diversas, nomeadamente dos dicionários de Quint (1998), Brüser & Lang (2002), do glossário em Cruz (1950: 73-79) e de glossários *online*, de dados e descrições em trabalhos linguísticos (Delgado 2008 e Swolkien 2015 sobre a

variedade de São Vicente),¹ de letras de rap cantadas em CV compiladas num *corpus* para um estudo linguístico na Grande Lisboa² (Märzhäuser 2011), de fontes impressas históricas e atuais, e de enunciados extraídos de publicações em linha (ver secção 3 para detalhes).

Análises anteriores (Märzhäuser 2009, 2016)³ tornaram evidente que os anglicismos no CV não são um fenómeno restrito à atualidade e que o contacto linguístico CV-Ing que dá origem a estes empréstimos não se restringe ao contacto mediatizado na atualidade, mas tem ocorrido em contextos diversos ao longo da história da língua cabo-verdiana. A categorização dos anglicismos em campos semânticos reflete claramente os contextos comunicativos diversos em que ocorreu este contacto. Surpreende, porém, que os anglicismos nunca tenham sido abordados dentro de uma perspetiva global - nem em relação às diferentes épocas e variedades, nem sequer no CV falado *versus* escrito,⁴ uma lacuna descritiva que deu impulso a este trabalho.

O artigo apresentará, na secção 2, uma sinopse da história externa do contacto linguístico Cabo-verdiano - Inglês, esclarece na secção 3 as fontes dos anglicismos discutidos (e listados no Anexo I) e, em 4, mostra os processos formais de integração morfológica e sintática destes empréstimos e propõe algumas observações sobre a sua adaptação fonética-fonológicas a partir das formas grafémicas.⁵ Além destes aspetos formais, incluem-se aqui observações sobre as mudanças semânticas que ocorreram na integração lexical, interpretáveis como adaptação cultural e ontológica às novas realidades e vivências nas ilhas de Cabo Verde. Segue um breve resumo na secção 5, uma bibliografia e, no Anexo I, uma lista dos anglicismos das diferentes fontes, ordenada por campos semânticos.

Antes de entrar em detalhes, há que ter em conta as atitudes linguísticas dos falantes da língua que recebe o material lexical estrangeiro. As motivações para transferências lexicais do Ing para o CV podem-se deduzir das

¹ Os anglicismos apontados em Trigueiros (2010) *Ensino / Aprendizagem da língua inglesa em Cabo Verde - Um contributo para a história da educação no arquipélago* e Martins (2010) “Cabo Verde e os Anglo Americanos” infelizmente não puderam ser integrados neste artigo.

² *Corpus Rap na Tuga*, Abrev.: *Corpus_RnT*.

³ Palestras “Anglicisms and the integration of English lexical items in Cape Verdean Creole”, ACBLPE Porto (2009), e “Innovations lexicales attestées dans le capverdien employé par les rappers de Lisbonne”, no grupo de pesquisa “Programme Pidgins et Créoles en contact”, CNRS, Paris (2016).

⁴ Infelizmente, a tese de licenciatura de Gonçalves (2014) *Uso de estrangeirismos na imprensa escrita cabo-verdiana* restringe-se à análise de textos em Português.

⁵ Uma análise da integração fonética-fonológica mais aprofundada é preciso para descrever mais detalhadamente a integração dos anglicismos ao nível da pronúncia.

circunstâncias históricas, mas a aceitação e generalização de tais empréstimos pela(s) comunidade(s) de falantes do cabo-verdiano estão sujeitas a dinâmicas socioculturais bem complexas. Existem poucos comentários metalinguísticos sobre a aceitação dos anglicismos no CV nos séculos XIX e anteriores, mas entende-se que, na primeira metade do século XX, o uso de anglicismos no crioulo falado se deparou com um certo purismo por parte dos habitantes crioulofônos nas ilhas, e que era associado ao falar dos emigrantes e das pessoas que voltaram do estrangeiro, segundo Cardoso (1933):

Em virtude da corrente emigratória entre Cabo-Verde e os Estados Unidos, estabelecida de alguns anos a esta parte, vai aparecendo acrioulado um ou outro vocábulo inglês, mas felizmente de uso restrito e de vida bastante efémera, não resistindo à troca dos que não saíram da terra e se opõem caturramente, num inconsciente purismo, à introdução pretenciosa de novidades da estranja, de que só fazer gala a pascacice dos „torna-viagem” como índice de terem visto o mundo. (Cardoso 1933: 30)

Ainda em Soares (1947), o uso de empréstimos é descrito como algo raramente observado e associado às camadas de estatuto social mais baixas:

O que realmente admira é que de tão poucos se tenha apropriado e deles fação tão pouco uso. Na verdade, só por exceção usam termos estrangeiros. Só os emprega a classe baixa; nas camadas superiores nem por mero exibicionismo. É interessante registrar que os estrangeirismos são totalmente omitidos nas conversas com portugueses metropolitanos. (Soares 1947: 181)

Moreira (2014: 176) destaca a mesma relutância para a ilha de Maio, que chama “uma língua pouco aberta a inovações”. Enquanto à difusão diatópica dos anglicismos, são as variedades de São Vicente e da Brava que apresentam o maior número de “neologismos de procedência anglo-americana” segundo Cardoso (1933: 30), e Moreira escreve que

[...] estrangeirismos são porém bastante frequentes nas ilhas do Fogo e da Brava [...] onde mesmo a população que nunca emigrou usa algumas palavras inglesas que entraram na língua pela boca dos milhares de emigrantes daquelas ilhas nos Estados Unidos da América. (Moreira 2014: 176)

Delgado (2008) confirma que os anglicismos são mais frequentes na variedade de São Vicente e descreve uma atitude de abertura linguística:

Cabo Verde [...] sendo uma comunidade linguística aberta ao estrangeiro, com uma história de colonização bem conhecida e uma emigração de dimensão mundial, os fenómenos de neologismo e estrangeirismo não poderiam passar despercebidos. (Delgado 2008: 63)

Além destas diferenças interessantes nas atitudes frente a estrangeirismos, que certamente também estão ligadas à data em que os autores se expressaram a esse respeito, os anglicismos são com certeza os mais numerosos entre os empréstimos das várias línguas estrangeiras em contacto com o cabo-verdiano. Resta especificar as diferentes variedades do inglês na origem dos anglicismos: as variedades L1 do inglês dos britânicos e norte-americanos, o respetivo inglês padrão da Grã-Bretanha e dos EUA, o inglês vernáculo afro-americano, variedades não-nativas de Inglês L2 de cabo-verdianos, portugueses e outros estrangeiros europeus, e variedades de Inglês L2 do continente africano – desde aquelas faladas pelos *Kroomen* (v. 2.1), até àquelas dos imigrantes anglófonos atuais. Dado que o contacto linguístico entre CV e inglês ocorre(u) tanto nas ilhas como na diáspora, estamos face a um cenário complexo, num espaço comunicativo interconectado por redes digitais e relações pessoais transnacionais.

2. Contextos históricos do contacto linguístico entre CV e inglês

Se deixarmos repassar o *background* histórico e os cenários de contacto entre as línguas cabo-verdiana e inglesa, tanto em Cabo Verde como nos lugares para onde cabo-verdianas e cabo-verdianos emigraram, entende-se rapidamente que a presente descrição deste contacto linguístico apenas consegue captar uma parte limitada dos múltiplos cruzamentos em épocas e lugares diferentes.

2.1. A presença dos ingleses nas ilhas de Cabo Verde

A presença dos ingleses nas ilhas de Cabo Verde já data da segunda metade do século XVI, segundo o artigo de Soares (2011) *The British presence on the Cape Verdean archipelago (16th to 18th century)*, que apresenta uma análise histórica detalhada das redes de comércio anglo-cabo-verdianas, considerando a presença britânica como fator central para o comércio nas ilhas:

[...] the British had the most influential and long-lasting foreign commercial and naval presence on the Cap Verde archipelago due to its geo-strategic position. (p. 129)

Anglo-Capeverdean connections during the seventeenth and eighteenth centuries allowed the archipelago to maintain economic relations with Europe and the West African Coast. (p 142).

Como relata esta autora, os britânicos já possuíam conhecimentos marítimos detalhados acerca do arquipélago por volta do ano 1500 (Soares 2011: 132), que

usaram para estabilizar a sua presença marítima nesta região. Trabalharam tanto em apoio às autoridades e negociantes de Cabo Verde, contra outras potências marítimas,⁶ como na pirataria contra os portugueses. A pirataria foi sistematicamente introduzida pela coroa inglesa como estratégia militar contra os barcos dos reinos de Portugal e de Castela para conseguir predominância marítima.⁷ Já em meados do século XVI, os conflitos entre as potências europeias provocaram um rápido declínio da posição de Santiago como “commercial and naval crossroads for the slave trade” (Soares 2011: 131). O monopólio dos portugueses no tráfico negreiro da Senegâmbia via Cabo Verde dissolveu-se, devido à concorrência por outras potências europeias, entre eles *privateers* ingleses que se instalaram nas costas da Gâmbia e Serra Leoa. Segundo Soares, o perigo de ataques de piratas⁸ tornou-se “an irreversible phenomenon that no politic, diplomatic or even military solution could have stopped” (Soares 2011: 133). Em consequência, os ingleses foram considerados inimigos em Cabo Verde:

From the middle of the sixteenth century to the first decades of the seventeenth, the English came to be seen by royal officials and the Capeverdean population as foreigners, rebels, and thieves. Because of their different religious beliefs, they were also viewed as heretics by metropolitan and insular authorities. In one word, the English were the enemy, one that caused fear and tension among the elite and coastal populations of Santiago and Fogo who were under constant threat. (Soares 2011: 134)

A perda do monopólio do tráfico negreiro provocou a perda da fonte principal de lucros dos comerciantes nas ilhas e, subsequentemente, a elite local de

⁶ Um dos primeiros incidentes documentados de tais relações, que Soares descreve, é que em 1527 um comerciante de Cabo Verde forneceu pólvora ao capitão inglês John Young para perseguir um barco espanhol, que tinha saqueado as ilhas de São Vicente e S. Antão. O autor relata que:

Several times, the British used war vessels to prevent attacks on the Cape Verde islands by their major competitors, especially the Dutch. When Dutch offensives took place on several islands during the middle of the seventeenth century, namely against the important naval and supply bases at Fogo and Maio, the British helped to diminish both the incidents and the damages caused by these attacks. In the eighteenth century, some of their armed ships similarly watched over the Capeverdean seas, especially the windward islands, to prevent attacks from pirates and corsairs of all nationalities. (Soares 2011: 134f.)

⁷ A predominância ibérica na região foi estabelecida pela doutrina de *mare clausum* (mar fechado) segurando os direitos sobre as terras descobertas, definida no tratado de Tordesilhas (1494), medida política apoiada pela Igreja Católica, perante a qual os reis protestantes da Inglaterra não sentiam a mínima obrigação moral.

⁸ Ver Kraus (1970) sobre o ataque de Sir Francis Drake, que devastou grande parte da ilha de Santiago em 1578.

Santiago passou a ser a favor do comércio livre com os ingleses:

The metropolitan policies and papal decrees that had prohibited trade with foreigners and “heretics” were now torpedoed by residents of Santiago, who bought and sold whatever they could to everyone. (Soares 2011: 134)

Quando as ilhas perderam a sua atração económica para o império colonial português, em meados do século XVI, a presença dos ingleses tornou-se num fator fundamental para a economia local. As ilhas funcionaram como entreposto marítimo para os ingleses para o abastecimento dos navios com água, alimentos, cavalos, burros e com os *panos*, que serviram como moeda de troca na compra de escravos no continente Africano. As ilhas menos controladas pelos portugueses também passaram a servir como refúgio para piratas e bucaneiros (*bucaneers*) de origem inglesa. É um facto histórico curioso que fossem os veleiros ingleses a tratar do transporte de visitantes do reino português e da mercadoria comercial:

With significant Portuguese navigation missing and no funds to buy ships, local merchants relied upon the only maritime assets available: English ships. When Lisbon royal officials came to or returned from Cape Verde and when local bishops or *ouvidores* (justice officials) inspected other islands within the archipelago, all were compelled to use English vessels. The English thus earned another type of revenue: that of the freight imposed on people and merchandise in circulation. And this in spite of the fact that the option of using British vessels was full of risks and hazards, as no one knew if the ship was a legitimate trading or a pirate vessel. (Soares 2011: 135)

Apesar desta presença significativa de diferentes agentes de origem britânica no arquipélago nos séculos XVI-XVIII (militares e oficiais, negociantes, *privateers* e piratas), não foi possível descobrir, no âmbito desta investigação limitada, qualquer referência às realidades linguísticas relativamente ao inglês no arquipélago durante estes dois séculos de presença inglesa, para além do comentário de Soares de que existia, nas ilhas e nos espaços marítimos da região, “a cross-cultural diaspora that enabled unequal partners to overcome cultural, linguistic and even religious differences” (Soares 2011: 142).⁹

Além do facto de a Vila do Maio já ter sido designada *Porto Inglês*, “em homenagem aos barcos ingleses que lá aportavam em busca de sal” (Moreira 2014: 100), esta autora destaca que não há muitas influências da língua inglesa nesta variedade (ibid. 102): “apenas encontramos o lexema *boket* ‘balde,

⁹ Existe, por exemplo, no museu do Louvre, em Paris, um quadro retratando “Suzeti” de 1765, uma cabo-verdiana sequestrada num ataque à Ribeira Grande e levada à Inglaterra por um corsário inglês onde viveu com ele até o fim da sua vida.

recipiente para transportar água’ (cf. ingl. *bucket*)” (ibid. 175). A maioria dos anglicismos mais antigos é atribuída à presença de britânicos e outros europeus¹⁰ em São Vicente e S. Antão em meados do século XIX, quando as ilhas do Norte ganharam importância político-económica como entreposto nas rotas marítimas transatlânticas. Porto Grande, na ilha de São Vicente, funcionava como depósito de carvão para os barcos a vapor, entretanto operando em linhas transatlânticas regulares da Europa para o continente americano. Neste contexto, várias companhias britânicas se instalaram no Barlavento. A sua forte presença nos meados do século XIX foi documentada em Hadfield (1854):

Porto Grande must become a most important coaling station, situated as it is midway between Europe and South America, and close to the African coast. Several important steam companies have already adopted it, viz. the Royal Mail (Brazil), the General Screw, the Australian, as also the South American, and General Steam Navigation Company. (Hadfield 1854: 77)

A presença anglófona é dominante em São Vicente desde 1838 até meados do século XX, juntamente com a presença de outros estrangeiros por razões comerciais.

A efetivação dessa presença inglesa na Ilha de São Vicente, teve início em 1838, altura em que o Cônsul, Mr. John Rendall instalou na ilha a 1ª companhia inglesa, a *East India*, criando assim o primeiro depósito de carvão e a instalação efetiva dos ingleses. (Soares 2009: 9)

Devido ao seu papel central como um dos mais importantes postos de abastecimento de carvão para navios a nível global,¹¹ a cidade do Mindelo, além do cônsul britânico, atraiu consulados e negociantes de todos os países interessados nesta rota atlântica. Consequentemente, existia naquela cidade uma sociedade multicultural e multilingue, integrando influências linguístico-culturais anglófonas notáveis nesta cidade recentemente fundada:

Sob o impulso industrial e imperialista dos países do norte, desenvolveu-se em São Vicente uma urbe voltada para a prestação de serviços aos navios que passavam pelo seu Porto rumo ao Atlântico Sul. A cidade do Mindelo [...] tornou-se um dos mais importantes polos de desenvolvimento do país e da colónia com o seu Porto Grande. À margem da atividade portuária, desenvolveu uma sociedade ativa e dinâmica com todas

¹⁰ Ver Serels (1987) sobre a presença de judeus sefarditas, cultos e multilingues, de classes abastadas.

¹¹ Superado meramente por Port Said, Malta, and Singapura (ver Swolkien 2015: 90, baseado em Lyall 1938, entre outros).

as características que se costuma designar de “sociedade de cidades-porto”. (Soares 2009: 1)

Além dos falantes nativos do inglês de origem britânica, havia falantes não-nativos diversos, com vários graus de competência (muitos supostamente só com conhecimentos básicos ou meio-fluentes neste idioma: capitães e comerciantes, marinheiros e trabalhadores do porto, administradores, contabilistas e outros oficiais das *steam companies* britânicas, prostitutas locais e estrangeiros de diferentes países, que se juntaram num circuito anglofalante socialmente bastante estratificado: do cônsul britânico aos trabalhadores africanos anglófonos, os *Kroomen* (ver 2.1); dos moradores e negociantes locais que se preparavam-se para 'as visitas' estrangeiras adquirindo, até certo ponto, o inglês e outras línguas estrangeiras aos comerciantes norte-americanos. Isso também explica a constituição da 'elite' em São Vicente, à qual pertenceram, por longos anos, mais estrangeiros do que portugueses (da Península Ibérica).¹² Como analisado em Swolkien (2015: 89ff.) numa perspetiva linguístico-cultural, os britânicos tinham influência linguística considerável nos meados do século XIX. Brito Semedo (2010) considera que:

a forte presença dos ingleses na ilha, nos mais diversos sectores de atividade económica, da área do shipping, da telegrafia e do comércio em geral, foram determinantes na formação dos hábitos e costumes do homem sanvicenti, moldando-o. (Blogue <https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/10607.html>, [5.08.2018])

Existem documentos desta época sobre o uso do inglês, tanto na oralidade como na escrita. Ellis (1885) relata um episódio durante uma visita a um hotel no Mindelo, aparentemente poliglota, com certas 'particularidades' quanto às variedades descritas para o público viajante:

We went to an hotel, which rejoiced in the comprehensive title of 'Hotel Brasileiro, Inghilterra, Americano, Espanol y Francesca', while, over the door, a large notice board presented the following polyglot legend to our admiring eyes: "Ici on parl Frances. Man spreucht Deutsch. Man spiks Ingleesh. Aqui se habla Español. Sabe American. (Ellis 1885: 128)

Também introduziram novos objetos e práticas como desportos, produtos

¹² Como resume Swolkien (2015: 19), “Mindelo, due to its location at the one of the safest and deepest bays in the North Atlantic, is a port city with a service-based economy and a considerable number of resident foreigners”, onde já em 1874 havia 1500 ingleses, em 1880 haviam 125 estrangeiros e 112 portugueses ibéricos. Além disso, em 1912 havia 145 estrangeiros e 126 portugueses ibéricos oficialmente registados como residentes no Mindelo (as fontes não especificam o número de ingleses entre estes estrangeiros).

alimentares e vestuário. Mas enquanto a 'moda inglesa' era associada à modernidade e o cosmopolitismo urbano impulsou um sentimento de “excepcionalismo” em São Vicente, face às outras ilhas 'menos modernas' do arquipélago, as relações desiguais no mercado de trabalho, o elitismo e a autoseparação dos ingleses no espaço social criaram hostilidade em relação a estes no seio da população local:

The English community [...] represented a modern way of living and there is no doubt that its cultural influence on life in Mindelo was considerable. [...] The British influenced the architecture of Mindelo; they introduced sport clubs (tennis, golf, soccer and cricket) as well as new eating habits (such as afternoon tea), European clothing and more importantly, a new work ethic.

However, they formed a closed, insular community becoming “[the] aristocracy of Mindelo and the butt of the hostility of the laboring population of the port, who were largely in their employ” (Newitt 1981: 213-214). (Swolkien 2015: 95)

Não surpreende portanto que o relacionamento comunicativo entre anglófonos e funcionários locais fosse marcado por uma animosidade político-económica entre os britânicos e os “Porty-goos”, como Ellis chama aos portugueses de maneira depreciativa, num diálogo entre funcionários do Porto Grande e o capitão dum barco navegando sob bandeira inglesa, vindo da Madeira com rumo à costa ganense, a chamada *Costa do Ouro* (Gold Coast), em 1873. De acordo com aquilo que Ellis (1885: 124ff) conta sobre a chegada do seu barco a Porto Grande, surgiu aí a seguinte conversa:

The port officers came alongside. They went through the usual performance, pretended to examine the ship's papers, made a few notes, and then, to our intense disgust, told the captain to host the yellow flag, and that we were quarantined. [...] we induced the captain to remonstrate with these officials. He said:

“Here, I say, you Porty-goos. There ain't no call for you to quarantine this here ship. Them papers show that we come from Madeira, and there's no sickness aboard...”

The health officer replied:

„It would appear from ze papers that you are going to ze Gold Coast.”

„Yes, that's so.”

„Well, ze Gold Coast is a vare unhealthy place.”

„What's that got to do with it? We ain't come from there; we're a-going there.”

„Senhor, we are well acquaint with our duty; we cannot permit ze contagion to be introduce. Good morning.”

Além do sarcasmo com o qual Ellis retrata os funcionários do porto (não sabemos se os funcionários eram portugueses vindos da Europa ou cabo-verdianos trabalhando na administração portuária), nota-se a representação de variedades não-padrão e não-nativas do inglês, retratada pelo autor, por exemplo na pronúncia do [θ] transcrito como <z> para refletir a pronúncia do inglês dos

funcionários, em contraste com o uso da ortografia normal do <th> por parte do capitão. Seria interessante analisar as características linguísticas de outros enunciados de falantes não-nativos documentados para esta época. É confirmada a forte influência lexical no CV:

The linguistic impact of this ‘adstrate’ on the variety seems to be confined to lexicon, i.e. vocabulary related to two semantic fields: port jobs and sports. Some of those 19th century borrowings such as *kren* ‘crane’, *stim* ‘steamship’, *txon kriket* ‘cricket field’, *nais* ‘nice’, *seló* <‘sail off!’ are still present in the language of the older informants. (Swolkien 2015: 95)

É provável ter existido no século XIX influência de variedades norte-americanas do inglês, como demonstram Ellis (1885) no excerto sobre o hotel acima mencionado e as informações em Swolkien (2015: 90), pois existia em 1855 “an American antislave African Squadron operating out of São Vicente”.¹³ Havia, porém, outro grupo de falantes de inglês de origem africana trabalhando nos portos das ilhas e nos barcos em toda a região marítima Oeste-Africana, os chamados *kroomen*.

2.2. *Kroomen* africanos

Os *kroomen* eram originalmente pescadores experientes da etnia Kru,¹⁴ das regiões costeiras da atual Libéria e Costa de Marfim. Os conhecimentos de inglês por parte deste grupo explicam-se pela sua participação na navegação marítima nas zonas costeiras (perigosas) do continente Africano. Neste grupo, regra geral, os homens jovens trabalhavam alguns anos na tripulação de navios dos europeus, adquirindo, durante esta fase, conhecimentos de inglês. A presença deste grupo de africanos livres em Cabo Verde, onde nesta época ainda havia escravos, é documentada por Hadfield (1854), que escreve sobre os trabalhadores em Porto Grande: “[the laborers] here are chiefly free blacks and Kroomen, from the coast of Africa, most of whom speak English” (p. 78). Como relatam trabalhos sobre os *Kroomen*, estes já tinham começado com o trabalho contratado em navios europeus no século XVIII e, no auge do comércio inglês em São Vicente, eram uma presença em navios e portos em toda a região:

As temporary emigrants or rather journeymen laborers, the young men are found at every trading- place on the coast from the Gambia to the equator, or beyond, and on board of

¹³ Ver Brooks (1970) sobre as relações comerciais com os EUA no século XIX.

¹⁴ Também existem as grafias *kroumen* ou *krumen*. Eram igualmente associados às etnias Grebo (várias fontes), ou Mena e também denominados por “Fishmen” (ver Bacon 1842: 205).

every vessel, whether merchant or man-of-war. (Bacon 1842: 205)

Muitos *Kroomen* foram contratados para as operações da *Royal Navy* e, devido a este trabalho, “by the early 19th century the Kroomen were spread across the world working even in harbours in North America” (ver Harris 2017 ou o Blog sobre os *Camissa People*).¹⁵ Cruzaram-se, assim, no final do século XIX, diferentes grupos anglófonos nos barcos e portos transatlânticos.

2.3. Os navios baleeiros, migrações e diásporas no século XX

Esta secção apresenta um resumo muito breve da presença anglófona nas ilhas de CV no século XX e da crescente diáspora cabo-verdiana nos Estados Unidos. As competências linguísticas em inglês desempenharam um papel importante no trabalho nos baleeiros, que surgia já no século XIX como uma saída profissional/económica para os homens cabo-verdianos experientes na navegação. A emigração para destinos além do Atlântico, por exemplo, os *Brava Packet Ships*, descrito por Hasset (2008: 2), tornou-se numa saída ‘real’ das condições de vida adversas no arquipélago, marcadas por fome extrema em várias ocasiões e pobreza constante no início do século XX.

In the nineteenth century, the whaling and sealing ships based in the Northeast, particularly in New Bedford and Nantucket, Massachusetts, stopped in Brava in Cape Verde to resupply. They often arrived without a full crew, hiring Cape Verdeans in Brava at lower wages. Some of these men eventually settled in and around the whaling ports of New England, with the highest concentration settling in New Bedford. Beginning around 1860, as the sealing and whaling industries declined, many Cape Verdeans bought the old whaling ships to use as packet ships linking New Bedford, Providence, Nantucket, and Cape Verde. (Hasset 2008: 2)

Uma boa documentação sobre esta primeira vaga de emigração de Cabo Verde para os EUA encontra-se no *New Bedford Whaling Museum*.¹⁶ Entre 1820 e 1975, estima-se que entre 43.000 e 85.000 cabo-verdianos chegaram aos EUA, muitos deles oriundos de Brava (ver Rogers 1980: 198).

A permanência de estrangeiros anglófonos no século XX nas ilhas também se explica pelo *transatlantic telephone cable*, razão para qual Leite (1929: 137) chama São Vicente de “centro de comunicações entre a Europa, África e Américas”. Os comentários metalinguísticos desta época são algo contraditórios: enquanto Cardoso (1933: 30) observa “um ou outro vocábulo

¹⁵ Em <<https://camissapeople.wordpress.com/2014/03/29/the-kroomen-from-west-africa-and-the-zanzibari-siddis-in-our-heritage>> [10.10.2018].

¹⁶ Ver: www.whalingmuseum.org

inglês”, Mello (1936) descreve uma forte presença de estrangeirismos em Cabo Verde:

[...] a cocktail of ‘dialects of the Blacks of Guinea and the Portuguese language, seasoned with varied condiment of Brazilianisms, Anglicisms and Gallicisms and spiced with [other features from] multiple linguistic sources. (Mello 1936: 63)

No Blog de M. Brito Semedo (2010),¹⁷ o artigo sobre o livro “A Língua Inglesa em Cabo Verde”, de Maria dos Santos Trigueiros, mostra, entre outros, os anglicismos do CV – *fulespide* (< ingl. *full speed*), *lucáute* (< ingl. *look out*), *godême* (< ingl. *goddamn*), *bisnize* (< ingl. *business*), *ofeçáite* (< ingl. *off site*), *isi* (< ingl. *easy*), e *djobe* (< ingl. *job*) – num discurso em Português, mas em comentários ao artigo lê-se: “É interessante como o senhor me fez reviver os anos da minha infância em São Vicente. Era exatamente assim que eu ouvia pessoas a falar, principalmente os negociantes de bordo e os rapazinhos de ponta de praia”¹⁸ e, noutro comentário, é descrita a maneira de falar em São Vicente “enquanto criança”, isto é, na primeira metade do século XX:

Qd mim era mnine no tava bricá “Hands-Up”, no tava fazê “Stick-Out”, na futebol mim era “Keeper” e nha irmon era “Back”, já-me sofre goal de “Corner” mas també tcheu goal de “Off-Side”, nô tinha um colega que era bom pa frente na “Free-Kick” e el tava mora lá pa lode de Chã de “Cricket” [...] (C. S. Silva, 27.07.2011, <https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/10607.html>), [10.08.2018]¹⁹

Apesar de ser um discurso inventado *a posteriori*, é um bom exemplo da frequência de anglicismos em certas áreas discursivas como o desporto na variedade de São Vicente. Além desta área semântica, a variedade conta(va) com anglicismos especialmente do campo da navegação marítima e com muitas fórmulas de rotina, como documenta Cruz (1950).²⁰ Quanto à vitalidade dos anglicismos no CV desta época, embora não exista um estudo aprofundado do seu uso na atualidade, é evidente que uma parte já caiu em desuso:

However, several items from the list presented by Cruz (1950: 73-79) and that were in use in the mid-20th century CVSV, such as *ovataime* ‘overtime’, *brêtche* ‘the post of command (<bridge>’ or *chipechandra* ‘ship chandler’ are obsolete. (Swolkien 2015: 95)

¹⁷ Blog *Esquina do tempo - Magazine cultural a divulgar Cabo Verde*.

¹⁸ Comentário de 13.5.2010.

¹⁹ Trad.: Quando eu era menino, brincávamos "Hands-Up", fazíamos "Stick-Out", quando jogávamos à bola eu era "Keeper" e o meu irmão era "Back", havia golos do "Corner" mas também muitos de "Off-Side". Tínhamos um colega que era especialista do "Free-Kick" e que morava ao lado do Chã de "Cricket".

²⁰ Ver lista de anglicismos em anexo para as diferentes áreas semânticas.

Há registo de boas competências em Inglês por parte da população local em São Vicente:

[T]endo no seu seio um grande número de ingleses – o habitante de S.Vicente tem em regra grandes conhecimentos da língua inglesa, chegando a falá-la correctamente – não admira que a sua população tenha adoptado alguns vocábulos de origem inglesa. (Soares 1947: 151)

Estes vocábulos de origem inglesa não são estáveis enquanto à sua semântica e ao seu uso, como o descreve Swolkien:

[S]ome of the old Anglicisms are substituted by etymologically Portuguese words (such as *puđin* ‘wedding cake’ from ‘*puđing*’>*bol* from Ptg. *bolo* ‘cake’; note however that the old Anglicism *kek* ‘cake’ is still used) while new words are borrowed from English as a result of the globalization of media and music. (Swolkien 2015: 95)

A transferência lexical do inglês para o CV e a integração deste continuam então tanto nas ilhas como na diáspora, enriquecendo o CV com anglicismos em vários campos semânticos, como mostra a tabela em anexo.

2.4. *Ilha pa ilha* e nação de diáspora digital global no século XXI

Comparando a presença histórica de anglicismos nas diferentes variedades do Cabo-verdiano, a descrição linguística e os informantes concordam que são as variedades das ilhas de São Vicente e de Santo Antão que contêm mais anglicismos. Como observou um informante de origem cabo-verdiana em Lisboa (um dos pais é da ilha de São Vicente, outro de Santo Antão), a variedade de São Vicente pode ser considerada aquela com maior presença de anglicismos (ver também Delgado 2008: 62ff):

MC CH: O meu Kriolu, por exemplo de São Vicente tem bué de Anglicismos. Ora, por exemplo, o gajo de São Vicente não diz ‘diskulpe’, diz ‘sorry’, ‘sorry’. Pois aqui fica mesmo ‘sorry man’, ‘Nu bai, boy’ Isso já não é Inglês, já é nosso. (Entrevista Lisboa 6/2007)

Comparando a presença de anglicismos nas diferentes variedades do CV, os dados de observação levantados em 2009 na Praia (Ilha de Santiago) por Saidu Bagura e no Mindelo (Ilha de São Vicente) por Dominika Swolkien documentam anglicismos paralelos como *Nha boy* (Praia) / *boys* (inf_DS, Mindelo), também escrito *bois* em muitas fontes, ou *broda* (p. ex., *El e nha broda*. (inf_SB)) no registo urbano das duas variedades. Em todas as variedades se utilizam as palavras *cool* e *sexy* e, para criticar um comportamento ostentoso,

pode-se utilizar o adjetivo *xouent(a)*.²¹ Distinguem-se então aqueles anglicismos usados em todo arquipélago dos que só são correntes nas variedades do Norte e dos que só se encontram nas variedades urbanas e de migração ou nas variedades diastráticas-diageracionais da(s) 'línguas dos juvenis', como *Txeke kel/se mov.* (inf_SB, Praia) ou dos anglicismos que pertencem aos códigos da cultura juvenil-musical do hip-hop documentados nas variedades do CV na Grande Lisboa em Märzhäuser (2011) e omnipresentes no discurso atual sobre rap nas ilhas.²² Além da educação e do crescente turismo, o inglês está constantemente presente nas ilhas através das letras da música *pop & rock*, nos programas de rádio e nas festas e discotecas, através dos filmes em inglês, nos jogos de computador e nas aplicações de telemóvel. Sem dúvida, a maior acessibilidade à internet e a presença do CV na escrita das redes sociais digitais facilitam as “transferências lexicais transatlânticas” entre os EUA e Cabo Verde e a divulgação de novos empréstimos na diáspora transnacional.

Os anglicismos modernos em áreas semânticas como nas tecnologias, nos *media* e na Internet, na música e na cultura *pop* e hip-hop, no turismo e no comércio surgem no CV através do contacto direto entre pessoas que falam inglês no turismo, nos meios urbanos cosmopolitas e nas áreas profissionais em que o inglês figura como meio de comunicação importante, tanto em Cabo Verde como nas diásporas. Através da comunicação com familiares (da família alargada) e amigos na diáspora cabo-verdiana transnacional e transcontinental (facilitada pelos meios de comunicação digitais) em países de língua oficial inglesa, os residentes das ilhas estão em contacto com variedades mais influenciadas pelo inglês e com crioulo-falantes multilingues (além de CV - Português). A língua cabo-verdiana no contexto transnacional é, ao mesmo tempo, um laço com o país de origem e um idioma veicular que fortalece a coerência entre as comunidades de cabo-verdianos, ou de descendentes cabo-verdianos, enraizadas em territórios de línguas tão diversas como, por exemplo, o dinamarquês, o holandês, o francês e o alemão. Para estas comunidades na diáspora - com descendentes que não adquirem necessariamente o português - é provável que o inglês figure como segunda língua veicular ao lado do CV. Com certeza, o inglês influencia a forma de expressão das gerações mais jovens

²¹ O adjetivo também aparece na grafia como *showent*. É derivado do ing. (*to*) *show* e designa alguém que mostra os seus bens exageradamente, cf. ing. *to show off*. Existem as pronúncias [ʃo'wēt] nas ilhas do Barlavento e no Maio, e [ʃo'wētu] nas outras ilhas.

²² Ver Märzhäuser (forthcoming) “*Rap Kriolu revisited – from the transnational diaspora to Capeverde and back*“, previsto em Hollington *et al.* (eds.) *Creole Language and Music*, que apresentará uma análise linguístico-discursivo do género texto-musical a base de material audio, audio-visual e dados do mercado de música transnacional.

em todos estes lugares dado a sua presença no mercado global da cultura popular, *inclusive* na música. Exemplos de fontes digitais para este tipo de anglicismos são *Minis, nsa meste bom nome pa nha novo boy Band, mo ki nu debi txoma és novo banda?*²³ (FB de CA 22/10/2018) ou *Na ki ilia di Cabo Verde ki nu debi faze um show?*²⁴ (post no FB de CA 2/8/2018). Enquanto uma parte dos anglicismos mais históricos aparecem em dicionários e trabalhos lexicográficos, os anglicismos mais recentes raramente se encontram documentados nas descrições linguísticas, apesar do seu uso frequente. Servem, porém, para a análise dos processos de integração lexical apresentada em 4.

3. Base de dados

Os dados aqui discutidos provêm de dicionários (impressos e digitais), de trabalhos linguísticos, de glossários e de textos escritos impressos e digitais, em e sobre o cabo-verdiano. Nomeadamente, extraíram-se²⁵ os anglicismos das seguintes obras lexicográficas: Quint (1998), *Dicionário Caboverdiano - Português* (em forma digital em CD-ROM), com ~ 4000 entradas, entre as quais aparecem 22 anglicismos,²⁶ e Brüser & Lang (2002), *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, com um total de 30 palavras com etimologia inglesa, entre as suas 8.388 entradas.²⁷ Nestes dois últimos dicionários, ambos compilados com base na variedade de Santiago, a etimologia inglesa (direta) é indicada, assim facilitando a pesquisa, especialmente na busca semi-manual em fontes digitalizadas. Ademais, a busca manual por possíveis 'candidatos' novos, para além do tempo de trabalho, também enfrenta o problema de as palavras de origem (inicial) inglesa serem transferências indiretas, “palavras que se internacionalizaram e chegaram a Cabo Verde. Muitas [...] por via de Portugal.” (Delgado 2008: 62-68), por exemplo, nas áreas do negócio e das tecnologias, como *workshop, meeting e coffee-break*,²⁸ que “já fazem parte do uso corrente

²³ Trad.: Pessoal, precisamos de um bom nome para o meu novo *boy band*, como devemos chamar a esta nova banda?

²⁴ Trad.: Em que ilha de Cabo Verde deveríamos fazer um *show*?

²⁵ A maioria dos anglicismos foi extraída manualmente, sempre que possível através da procura semi-manual por indicação da etimologia inglesa. Agradeço a Jürgen Lang a lista de anglicismos de Brüser & Lang (2002), escrita à mão há muito tempo. A versão digital de Quint (1998) permite uma extração automática através da etimologia.

²⁶ Omite-se aqui a análise do dicionário de Mendes/ Quint (2002).

²⁷ Falta analisar também o *Dicionário caboverdiano-português* (Veiga 2011), com mais de 15.000 entradas das variedades de Santiago, S. Vicente, Fogo, Boavista e S. Antão.

²⁸ Reproduz-se aqui a grafia de Delgado (2008).

nas ilhas” (*ibid.* 66), ou as palavras de origem inglesa que entram através do português, por exemplo, cv. *dinamiti* (<pt. *dinamite* <ingl. *dynamite*).

Quanto aos glossários e listas de vocabulários, incluíram-se a lista de 71 anglicismos de Cruz (1950: 73-79), o “English to Kriol Dictionary”, do *US Peace Corps* (abrev.: Gl_PC)²⁹ e um glossário (mais limitado) Alemão – CV.³⁰ Alguns exemplos e listas de anglicismos encontram-se em obras de descrição linguística, como Soares (1947), Delgado (2008: 62-68), Swolkien (2015: 89ff.), especialmente em 3.3.2.1, *The role of the British*, pp. 94-95). Além destes dados, incluem-se aqui os dados do *corpus* de letras de *rap kriolu* da Grande Lisboa, compilado por Märzhäuser (2011; Corpus_RnT) e de uma coleção de vários tipos de produções escritas em CV, a partir de fontes impressas e digitais (textos de revistas, blogues, posts em foros como *Facebook* e comentários a estes). A partir destas fontes, analisaram-se os vários processos de integração do material lexical transferido do inglês para o cabo-verdiano e compilou-se uma tabela de 150 lexemas (Anexo I). É desejável um futuro estudo diacrónico e diatópico em relação à sua difusão e ao seu uso.³¹

4. Integração dos anglicismos

Esta secção descreve, numa visão mais global, os mecanismos de integração do material lexical transferido do inglês para a língua cabo-verdiana. Relativamente à convencionalização destes empréstimos no CV, a referência aos mesmos anglicismos – como cv. *ringi*, *timi*, *broda* – em fontes lexicográficas diferentes pode ser argumento para a sua difusão, mas também existe a possibilidade de os autores os citarem entre eles. Diferentes variantes ortográficas aparecem em dicionários e outras fontes, independentemente da convencionalização do uso de um anglicismo na língua falada. Regra geral, a grafia pode servir como índice na análise de diferentes graus de integração de

²⁹ Apresenta equivalências da variante de Santiago (designados como ‘Badiu’) e algumas entradas adicionais para a variedade de São Vicente [Sanpajudu], em linha, em <www.livelingua.com> [1.11.2018].

³⁰ Em <www.funana.de/kapverden/sprachfuehrer/deutsch-kriolu_kriolu-deutsch.htm> abrev.: Gl_Funana; Os breves glossários em <www.ikuska.com/Africa/Lenguas/kriolu/LengKriolu3.htm> e <[www.tripadvisor.com/Travel-g293774-s604/Cape-Verde: Important.Phrases.html](http://www.tripadvisor.com/Travel-g293774-s604/Cape-Verde:Important.Phrases.html)>, [ambos 10.10.2019] não contêm lexemas de origem inglesa.

³¹ Houve, já em 2009, um levantamento oral de informações sobre os anglicismos mais frequentes, em colaboração com estudantes da Praia, por Saidu Bangura, e no Mindelo por Dominika Swolkien, a quem agradeço o apoio. Estes dados já mostraram vocábulos comuns às variedades das duas ilhas, como *broda* e *cool*.

empréstimos, mas dada a normalização recente da escrita do CV, este critério não se aplica à maioria das fontes citadas. Reproduzem-se aqui as opções ortográficas das diversas fontes, mostrando esta incoerência na grafia. É indispensável uma futura análise fonético-fonológica baseada em dados orais, para uma descrição adequada da sua pronúncia. Por isso, 4.1 limita-se a algumas referências às formas gráficas de anglicismos integrados. Através da análise dos anglicismos em textos mais complexos (Corpus_RnT, fontes digitais), descreve-se em 4.2 a integração na estrutura morfossintática do cabo-verdiano, tanto no domínio nominal (4.2.1) como no domínio verbal (4.2.2). Também se discute brevemente, na secção 4.3, o nível semântico.

4.1. Descrição fonético-fonológica da integração dos anglicismos e integração na grafia

A palavra inglesa *chewing-gum* transformou-se no atual cv. *xuinga* (SV) / *xingua* (ST), mas também se usam anglicismos na sua forma original, como *Tud'kool*. *Tud' nice*, com a indicação “prononcer à l'anglaise” em Tailpied³². Uma análise da integração fonético-fonológica no CV atual (incluindo as variantes de pronúncia nas diferentes variedades) pode complementar tanto dados atuais como históricos. Para abordar este nível de integração dos anglicismos, tal análise pode ser relacionada com a descrição de problemas de pronúncia frequentes no inglês por aprendentes CV L1 (ver Monteiro 2015³³).

Um fenómeno de adaptação fonético-fonológica que se reflete na grafia dos anglicismos analisadas é a adaptação a uma estrutura silábica aberta consoante – vogal (CV), preferida no Sotavento, seguindo Brüser & Lang (2002: XXV), resultando na separação de conjuntos consonânticos (*consonant clusters*) por vogais epentéticas, aqui atestado em cv. *ximoku* (do ingl. *smoke*). Para evitar consoantes oclusivas em posição final, observe-se a epêntese de uma vogal final em cv. *keki* [do ingl. *cake*], cv. *stópi* [do ingl. *stop*], cv. *txipi* [do

³² O glossário Francês-CV (variedade de São Vicente), de Tailpied, encontra-se em <www.mindelo.info/_dico.php>, [22.01.2019].

³³ Este estudo com falantes da variante de São Vicente destaca problemas de pronúncia com os fricativas interdentais em posição inicial (de palavra ou sílaba), nomeadamente [ð] realizado como [d] e [θ] realizado como [s] ou [t]; [d] ou [f], por exemplo, *them* pronunciado como [dəm], *mother* pronunciado como [madər] (compara: *brother* como [brɔdə]), *think* como *[tɪŋk], *[sɪŋk] ou *[fɪŋk], *thing* como *[tɪŋg], *[sɪŋ] ou *[fɪŋ] (Monteiro 2015: 18). A autora descreve também a realização do retroflexo alveolar [r] como glide velar [w] em posição intervocálica e a omissão de [w] e [h] em posição inicial, resultando na pronúncia de ingl. *have* como *[ev] (ibid., 19).

ingl. *cheap*] ou cv. *xoki* [do ingl. *shock*] nas variedades da Brava, do Fogo e de Santiago.

Além da forma integrada, tanto na grafia como na pronúncia, anglicismos como cv. *cool* ou *sexy* também aparecem na sua forma original. Muitos anglicismos recentes aparecem nas suas formas originais (ou marcados entre aspas ou sem marcação adicional, ex., <live> e <facebook> em Nun “live” ki ê fazi na facebook).³⁴ É necessária uma análise sincrónica mais ampla das emergentes normas de escrita para os anglicismos mais recentes.

4.2. Integração morfológica e morfossintática

Tendo em conta os tipos de dados analisados, distinguem-se aqui vários graus de integração lexical, começando com elementos ingleses que inicialmente (ou ainda) devem ser considerados alternâncias de código espontâneas, na forma de *insertion*, *alternation*, ou, em discursos muito mistos, como *congruent lexicalisation*, no sentido de Muysken (2000). Estes são muitas vezes elementos discursivos em inglês típicos do discurso do rap, por exemplo, *no justice no peace*, nas linhas que “rappa” MC LBC: *Na [...] Angola, Afrika di sul, Serra Leoa e mais otus paiz/ No justice no peace*,³⁵ ou a expressão *nu keep it gangsta ness lençol*, de MC Chullage,³⁶ na qual se combina o pronome sujeito *nu* em CV com o grupo verbal em inglês.

Muitos elementos lexicais de origem inglesa já passaram por uma integração morfossintática, na qual se realçam mecanismos regulares de adaptação, de regularização, de derivação e de composição com outros neologismos de base inglesa. Nas páginas seguintes mostram-se estes processos de integração no domínio nominal (4.2.1) e no domínio verbal (4.2.2).

4.2.1. Domínio nominal

A integração dos anglicismos no grupo nominal em CV, regra geral, não causa grandes problemas, dado que, além da observação generalizável de que os nomes são a classe de palavras que são ‘a ponte mais fácil’ entre as línguas e que se emprestam mais frequentemente,³⁷ existem paralelos estruturais significativos entre ambas as línguas: tanto o inglês como o CV formam o plural regular dos nomes (N) através do morfema *-s*, ambos não marcam género

³⁴ Comentário ao FB_CA

³⁵ Canção “Nós negro qui nunca ka ta para di luta”, texto fornecido pelo autor.

³⁶ Canção “Nos amor inda ta d’ pé”, álbum *Rapensar* (2004).

³⁷ Ver *borrowability hierarchy* em Moravcsik (1978), Thomason & Kaufmann (1988) etc., *single noun insertion* em Muysken (2000).

gramatical na maioria dos casos,³⁸ a concordância entre adjetivo e N é ausente em inglês e rara no CV. O que diferencia as duas línguas é i) o cabo-verdiano marcar o plural no primeiro elemento do grupo nominal,³⁹ que pode ser um determinante (D), demonstrativo ou possessivo, um quantificador (Quant) ou adjetivos que levam a marca de plural,⁴⁰ e ii) a distribuição de grupos nominais constituídos só por nomes singulares (sem D, Quant, etc., os chamados *bare nouns*), muito mais frequentes em CV. Quanto ao uso do Ns plural sem D, resultam outra vez de paralelos estruturais entre o CV e o Inglês. Quando as expressões linguísticas são mais complexas, integrando adjetivos além de Ds e Quants, os adjetivos ingleses permanecem na posição anteposta ao N, enquanto se observa anteposição e posposição pelos adjetivos em CV.⁴¹ A Tabela 1 abaixo mostra diferentes estruturas sintáticas com elementos nominais de origem inglesa, através de exemplos do *Corpus Rap na Tuga* (Corpus_RnT, Märzhäuser 2011). Os dados também apresentam expressões nominais inglesas mais complexas como */tud nhas fuckin' money makers/ .../tud nhas MCs beat makers/(MC Chullage)*, que podem ser alternâncias de código no discurso, ou já empréstimos mais correntes.

4.2.2. Domínio verbal

No que diz respeito à integração de verbos do inglês no cabo-verdiano, aplica-se o sistema de marcadores de TMA pré e pós-verbais, juntamente com o sistema de pronomes pessoais facultativos e obrigatórios, que são combinados com uma única forma verbal (forma que também serve como imperativo, como é o caso com a forma verbal de base no inglês). Este processo de adaptação – tomando a forma inglesa de base como forma verbal única no CV⁴² – resulta na integração morfológica rápida de verbos ingleses no sistema do cabo-verdiano.

³⁸ Discute-se uma morfologia de género reduzida para o CV.

³⁹ Além desta regra geral, há variação da posição da marca de plural com os possessivos em CV, onde a marca do plural pode ocorrer sobre o possessivo ou sobre o nome.

⁴⁰ A realização da concordância de número em vários ou todos os elementos do sintagma nominal (assinalada com * na tabela) pode ser interpretada como interferência do Português no CV, ou como convergência estrutural entre a sintaxe inglesa e a CV. Também há uma ocorrência de marcação de plural só no segundo elemento, em *nha peoples*.

⁴¹ Assume-se influência direta da estrutura inglesa (Adj. - N) na expressão cv. *puru nigga*, que correspondente ao ing. *real nigga*.

⁴² Esta forma verbal é criada muitas vezes através de uma adaptação morfológica do verbo inglês, adicionando uma vogal final, maioritariamente <-a>; nos dados do Corpus RnT, por exemplo, ing. *to rap* (V) > cv. *rappa* (V), ing. *to check* (V) > cv. *txeka* (V), lexema amplamente difundido, em Cardoso (1933) para os verbos cv. *tritâ* (do ing. *to treat*), ou cv. *mina* (do ing. *to mean*) ou <-e>/<-i> em dados de Cruz (1950), por exemplo, em *cátche / catchi, djampá/ djampe*.

Tabela 1: Integração de nomes do Inglês no Cabo-verdiano

Estrutura morfossintática	Lexema/ Exemplo
Bare Noun (sg.)	<i>sima <u>Lunatic</u></i> <i>se 'm ten <u>rasta</u>, karapinha, brinku</i>
Bare Noun (pl.)	<i><u>niggaz</u> ta fazi sangui derrama</i> <i><u>Niggaz</u> djoby tchon qui bu ta pisa</i>
Det. Demonstr. (kel/ kes) + N	<i>cheka pa <u>kes niggaz</u>* ki sta manti ses scenario</i>
Det. indef. (um=un)	<i>Pamodi vida é um <u>bluff</u></i> <i>história/ de nós pov é história de um <u>warria</u>/</i>
Possessivo (sg.)	<i>bô é <u>nha sista</u>, <u>nha mother</u>, bô é <u>nha amiga</u>, <u>nha amor</u>.</i> <i>nô konstrui <u>nôs kingdom</u></i> <i>é fudidu <u>nha nigga</u></i> <i><u>nha mic</u> ka ta txiga pa spressa bu dor</i> <i>Pa tud <u>nha people</u> na tchon/</i>
Possessivo (pl.)	<i>Pa tud <u>nha peoples</u></i> <i>/<u>nhas niggas</u>* ki dja ta bai/</i> <i>cu <u>bus gangs</u>*</i>
Quantificador	<i>Lué, P.T.B., Tai e <u>tudu nigga</u> ki dja bai.</i> <i>Nha realidade é miséria, <u>munti niggaz</u>* na cela</i>
Adj + N / N + Adj	<i>num rialidadi dja diprimenti <u>purus nigguz</u> ta marka sis</i> <i>diferensa</i> <i>pamódi somenti <u>purus nigguz</u> ki ta dadu rikunhicimentu</i> <i>(Kromo)</i> <i>Ka bu dexe <u>broda falso</u></i>
Det./Quant. + Adj + N /	<i>kel li é rialidadi di <u>tudu real nigga</u></i> <i>es <u>puro real niggas</u> kes ki já sufri pamodi e preto</i>
Det./Quant. + N + Adj	<i>esta bem da pa <u>kes granda gangsta patifi</u></i>
Quant. + D. + Adj + N /	<i>Tud <u>nhas krazy streetfighters</u></i>

Também se criam verbos através da derivação de um verbo a partir de um nome inglês, como ing. *speed* (N) > cv. *speeda* (V). A Tabela 2 mostra estes processos através de exemplos do Corpus_RnT e de outras fontes.

Tabela 2: Integração de verbos do Inglês no Cabo-verdiano

Mecanismos de Integração morfosintática	Etimologia inglesa	Formas e exemplos
Forma original ing. como imperativo	<i>to fuck</i>	<i>And fuck nhoz porcos di farda</i> <i>fuck nigga di falsidadi</i>
	<i>to stop</i>	<i>stop falsidade dês democracia di parasitas</i>
Pron (cv) + forma original ing. do V	<i>to bounce</i>	<i>Nu bounce</i>
V _(+a/e/i) : adaptação da forma verbal com -a/e/i	<i>to rap</i> <i>to check</i> <i>to treat</i> <i>to mean</i>	<i>Praga yo foi feto pa reppa</i> <i>tcheka/ cheka</i> <i>tritâ</i> <i>mina</i>
Pron (cv) + TMA + V _(+a/e/i)	<i>to rap</i> <i>to check</i> <i>to live</i>	<i>É assim ki nu ta rappa</i> <i>nu ta rappa para tudu conhecidu</i> <i>fidju di terceru mundo ta tcheka diariamente</i> <i>nô ta tcheck tê cinema</i> <i>nu ta lifa más forever</i>
Neologismos a partir de Ns ing.	<i>speed</i> <i>freestyle</i> <i>motherfucker</i>	<i>baza nigga, gira nigga, speeda nigga.</i> <i>nu a ta fresta fresta liza</i> <i>mothafuck iluson (LBC)</i>

4.3. Integração semântica e campos semânticos dos anglicismos

Passando, por último, ao nível semântico, observa-se que o significado do étimo inglês nem sempre corresponde ao do cabo-verdiano. Exemplos óbvios são as mudanças metonímicas do ing. *cheap* ('barato') > cv. *txipi* ('mesquinho'), do ing. *to smoke* (V, fumar) > cv. *ximoku* (N, cigarros) e mudanças metafóricas como no ing. *trail* ('path') > cv. *treili* (maneira de viver). O empréstimo duma palavra da língua fonte pode então incluir a reinterpretação dos conceitos iniciais pelos indivíduos/pela comunidade crioulofona, agentes de transferências lexicais, através de mudanças metonímicas e metafóricas e de mudanças na classe de palavras, como por exemplo, no caso da mudança do N inglês *ping-pong* para o adjetivo cv. *pingi-pongi* ('saltando'), ou dum V inglês para um N em CV, por exemplo, do ing. *to spring* ('saltar') ao N cv. *springi* ('mola espiral to colchão'), de ing. *to speak* a cv. *spiki* ('vigarice'). Uma análise mais aprofundada baseada em ocorrências contextualizadas está por fazer, mas mostram-se na tabela do Anexo I as equivalências e mudanças relativamente ao significado dos anglicismos em comparação com o étimo inglês.

5. Considerações finais e *desiderata*

Para concluir, apontam-se, a partir do resumo da análise realizada, *desiderata* para futura investigação. Como mostrou a história linguística externa do contacto cabo-verdiano-inglês, o Cabo-verdiano foi enriquecido com palavras provenientes do inglês em épocas e lugares muito diversos. Isto reflete-se também nos domínios semânticos (apresentados na tabela do Anexo I), onde se agrupam os anglicismos em diferentes categorias. A origem de elementos discursivos como saudações ou palavrões pode-se atribuir ao ambiente de trabalho multicultural nos portos transatlânticos, como Porto Grande, os substantivos das áreas de alimentação, vestuário e desporto apontam para uma influência do estilo de vida da elite britânica. Mais recentemente, palavras dos campos das novas tecnologias e do comércio e alguns verbos e adjetivos de divulgação mais geral, como *cool* ou *sexy*, podem-se considerar como 'globalismos'. Os processos de integração de nomes, verbos e adjetivos da língua inglesa na estrutura do cabo-verdiano, descritos a partir de anglicismos recentes, apresentam regularidades a nível da fonética, fonologia, morfologia e sintaxe, regularidades que se podem aplicar também como ponto de partida para a análise diacrónica de textos.

Relativamente ao alcance deste estudo, fica claro que falta uma abordagem mais completa do material lexical emprestado do inglês ao cabo-verdiano e, na zona de contacto no oeste africano, de influência afro-portuguesa. Além da conclusão de que, a partir da literatura previsível, historicamente, os anglicismos prevalecem na variedade de São Vicente, falta realizar um estudo sincrónico e dialetológico da sua distribuição diatópica e nas variedades praticadas na diáspora, tanto na língua falada como na escrita.⁴³ Infelizmente, sem um amplo e sistemático *corpus* do CV, não é possível analisar nem a sua frequência nas diferentes variedades, nem a sua difusão pelas redes de comunicação digitais, entre-ligando as diferentes comunidades, além de alguns comentários liminares e avaliações subjetivas de falantes nativos atentos às mudanças na sua língua quotidiana.

No que diz respeito ao prestígio do inglês, pode concluir-se, a partir deste breve resumo da história linguística externa do contacto entre Cabo-

⁴³ Uma análise mais extensa sobre a variação dia-medial e dia-conceptual (oral vs. escrito, ver Koch & Oesterreicher 1985, Dürscheid 2003) no CV como língua com história de escrita mais sistemática recente, a partir de fontes impressas e digitais, poderia comparar dados dos *media* e de discursos oficiais escritos e orais. A partir daí, dever-se-ia diferenciar quais dos anglicismos só se utilizam em códigos orais, quais são empregues na escrita informal nos novos meios de comunicação, e quais já foram integrados em discursos escritos mais formais.

verdiano e Inglês, que este idioma se associou (e se continua a associar) a benefícios económicos (começando com os piratas ingleses e os *Kroomen* nos barcos das baleias e nos *packet ships*), a modernidade (desde a 'moda inglesa', no século XIX, até às novas tecnologias, no século XXI) e à globalização, em relação à qual o inglês é percebido como idioma importante para o êxito académico e como língua de negócios. A correlação entre i) atitudes frente aos anglicismos e ii) grau da sua integração formal seria outro tema de interesse. Este breve esboço deve ser visto, porém, como uma proposta para investigação mais aprofundada sobre anglicismos na língua cabo-verdiana.

Bibliografia

- Archibald, Lyall. 1938. *Black and white make brown*. London: Heinemann.
- Bacon, Francis. 1842. Cape Palmas and the Mena, or Kroomen. *The journal of the royal geographical society of London*, 12. 196-206.
- Brito Semedo, Manuel. 2010. A língua inglesa em Cabo Verde, de Maria Santos. *Esquina do tempo - Magazine cultural a divulgar Cabo Verde*, <<https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/10607.html>>, [5.08.2018].
- Brooks, George. 1970. *Yankee traders, old coasters and African middleman. A history of American legitimate trade with West Africa in the 19th century*. Boston: Boston University Press.
- Brüser, Martina & Lang, Jürgen. 2002. *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: Gunter Narr.
- Cardoso, Pedro. 1933. *Folclore caboverdeano*. Porto: Edições Miranos.
- Carreira, António. 1984. *O crioulo de Cabo Verde-surto e expansão*, Lisboa: Europam.
- Correia e Silva, António. 2000. *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia & Mindelo: Centro Cultural Português.
- Costa, Albert. 2004. Speech Production in Bilinguals. In T. Bhatia & W. Ritchie (eds.), *The handbook of bilingualism*, 201-223. Oxford: Blackwell Publishing.
- Cruz, Franz-Xavier. 1950. *Amizade caboverdiana pela Inglaterra*. Vocabulário, 76-79. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.
- Delgado, Carlos Alberto. 2008. *Crioulo de Cabo Verde - Situação linguística da zona do Barlavento*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.
- Dürscheid, Christa. 2003. Medienkommunikation im Kontinuum von Mündlichkeit und Schriftlichkeit. Theoretische und empirische Probleme. *Zeitschrift für angewandte Linguistik* 38. 37-56.
- Ellis, Alfred B. 1885. *West African islands*. London: Chapman & Hall.
- Ferraz de Matos, Patrícia. 2013. *The colours of the empire: Racialized representations during Portuguese colonialism*. New York-Oxford: Berghahn.
- Freitas, Tiago; Ramilo Maria Celeste & Soalheiro, Elisabete. 2005. O processo de integração dos estrangeirismos no Português Europeu. In M. Mateus & F. Bacelar Nascimento (eds.), *A língua portuguesa em mudança*, 37-50. Lisboa: Caminho.

- Gonçalves, Carla. 2014. *Uso de estrangeirismos na imprensa escrita cabo-verdiana: Estudo de caso do Jornal Expresso das ilhas*. Praia: Dissertação de Licenciatura da Universidade Jean Piaget de Cabo Verde.
- Hadfield, William. 1854. *Brasil, the river plate and the Falkland islands, with the Cape Horn route to Australia, including notices of Lisbon. Madeira, the Canaries and Cape Verts*. London: Longman.
- Harris, Lynn. 2017. A gulf between the Mountains: Slavers, whalers, and fishers in False Bay, Cape Colony. In L. Harris (ed.), *Sea ports and sea power*, Cambridge: Springer.
- Hasset, Matthew. 2008. The Packet Ships. Brief Report Brown University. <https://repository.library.brown.edu/studio/item/bdr:147801/>.
- Houaiss, Antônio. 2001. *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*. Lisboa: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (CD-ROM).
- Koch, Peter & Oesterreicher, Wulf. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch* 36. 15-43.
- Kraus, Hans. 1970. *Sir Francis Drake, a pictorial biography*. Amsterdam: N. Israel.
- Lang, Jürgen. 2002. Vor den Toren Afrikas-Zum Wortschatz des kapverdischen Kreols. *Tranvia* 67, 12/2002. 21-23.
- Lang, Jürgen (ed.). 2014. *A variação geográfica do crioulo caboverdiano*. Erlangen: FAU University Press. <urn:nbn:de:bvb:29-opus4-55376>.
- Leite, Alberto A. 1929. A ilha de S. Vicente: de Cabo Verde e o seu Porto Grande. *Boletim da agência geral das colônias* 45. 136-171.
- Märzhäuser, Christina. 2009. Anglicisms and the integration of English lexical items in Cape Verdean Creole. *SPCL/ACBLPE Joint Summer Meeting*, Köln, 11-15.8.2009. Ms.
- Märzhäuser, Christina. 2011. *Portugiesisch und Kabuverdianu in Kontakt: Muster des Code-switching und lexikalische Innovationen in Raptexten aus Lissabon* Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Märzhäuser, Christina. 2016. Innovations lexicales attestées dans le capverdien employé par les rappers de Lisbonne. Workshop *Pidgins et Créoles en contact*, CNRS, Paris/Villejuif, 20.5.2016. Ms.
- Märzhäuser, Christina. (forthcoming). *Rap Kriolu revisited – from the transnational Diaspora to Capeverde and back*. Hollington *et al.* (eds.), *Creole Language and Music*.
- Mendes, Mafalda & Quint, Nicolas. (eds.). 2002. *Dicionário prático português caboverdiano*. Lisboa: Verbalis.
- Monteiro, Jacinta. 2015. Teaching pronunciation communicatively to Cape Verdean English language learners: Sao Vicente Variety. Bridgewater: Bridgewater State University MA dissertation. <<http://vc.bridgew.edu/theses/19>>.
- Moreira, Karina. 2014. Descrição da variedade da ilha do Maio. In J. Lang (eds.), *A Variação geográfica do crioulo caboverdiano*, 99-180. Erlangen: FAU University Press.
- Moravcsik, Edith. 1978. Language contact. In J. Greenberg (ed.), *Universals of human language* 1, 93-122. Stanford: Stanford University Press.
- Muysken, Pieter. 2000. *Bilingual speech*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Newitt, Marilyn. 1981. *Portugal in Africa. The last hundred years*. London: C. Hurst & Co.
- Quint, Nicolas. 1998. *Dicionário eletrônico caboverdiano-português*. Lisboa: Verbalis (CD-ROM).
- Quint, Nicolas. 2005. Línguas crioulas num contexto de globalização - o caboverdiano: Uma língua mundial. *Papia* 15. 18-31.

- Roberts, George. 1745. Account of a voyage to the island of the Canaries, Cape Verde and Barbadoes, in 1721. In T. Astley (ed.), *A new general collection of voyages and travels*, Vol. 1. 599-627. London: Thomas Astley.
- Rogers, Francis. 1980. Cape Verdeans. In S. Thernstrom (ed.), *Harvard encyclopedia of American ethnic groups*, 197-200, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Soares, Maria João. 2011. The British presence on the Cape Verdean archipelago (16th to 18th century). *African economic history*, Vol. 39. 129-146.
- Soares, Risando. 2009. *São Vicente de Cabo Verde no pós-guerra (1945-1960)*. Porto: FLUP dissertação de MA.
- Soares, Alberto. 1947. *O dialecto de S. Vicente de Cabo Verde*. Coimbra: Universidade de Coimbra Ph.D. dissertation.
- Swolkien, Dominika. 2015. *The Cape Verdean creole of São Vicente: Its genesis and structure*. Coimbra: Universidade de Coimbra Ph.D. dissertation.
- Tailpied, N. (até 2011) Lexique Créole– Français, in <www.mindelo.info/_dico.php>, [22.01.2019]
- Thomason, Sarah & Kaufmann, Terrence. 1988. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Oxford/Berkeley: CUP.
- Trigueiros, M^a Santos. 2010. *Ensino /Aprendizagem da língua inglesa em Cabo Verde - Um contributo para a história da educação no arquipélago*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Veiga, Manuel. 1982. *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*. Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.

Blogs & Websites

- Blog *Camissa people - Cape slavery & indigene heritage*, <https://camissapeople.wordpress.com/2014/03/29/the-kroomen-from-west-africa-and-the-zanzibari-siddis-in-our-heritage>. (10 October, 2018.)
- Blog *Esquina do tempo - Magazine cultural a divulgar Cabo Verde*, <https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/10607.html>. (5 August, 2018.)
- Blog *Lingua de kauverde*, <http://kauverdianu.blogspot.com>. (10 October, 2018.)
- New Bedford Whaling Museum*, www.whalingmuseum.org. (10 October, 2018.)

Discografia

- Boss AC: *Manda Chuva* (1998); *Rimar contra a maré* (2002); *Ritmo amor e palavras* (2005).
- Chullage: *Rapresálias* (2001); *Rapensar* (2004).
- L.B.C Minao Souldjah: Mixtape *Lagrimas di sangui* (2009).
- Niggapouison: *Podia Ser 'Mi'* (2001); *Resistentes* (2006).
- SAMP/ SS: *Escuta Só* (2004); *Continuação* (2005); *Other Life* (2006).
- Souldjah: *Pa nha rapaz* (2007).
- Tony MC Dread: *100 Papas na língua* (2004); *Mixtape 2780 Oeiras Vol. 1* (2007).

Sampler: *Rapública* (1994); *Putos qui a ta cria* (2006); *Nação hip hop* (2008).

ANEXO I

A tabela abaixo apresenta uma sinopse dos anglicismos das diversas fontes (com as respetivas variantes na grafia) organizada por campos semânticos, inclui a classe de palavras (na terceira coluna), na quarta coluna o étimo inglês ou possíveis etimologias alternativas,⁴⁴ o significado (~ indica significado idêntico ao do étimo inglês), e na última coluna as respetivas fontes.

Usam-se as seguintes abreviaturas das fontes: Dicionários de Brüser / Lang (2002) = B&L_2002; Quint (1998) = Q_1988, Glossários de Cruz (1950) = Cr_1950; *English to Kriol Dictionary* do *US Peace Corps* (abrev.: Gl_PC); textos de Delgado (2008) = De_2008; Swolkien (2015) = Sw_2015; do *Corpus Rap na Tuga* (2011) = C_RnT; dos *Blogues* de Brito Semedo (2010) = B_BS_2010; *Blog Lingua de kauverde* = B_LK.

Área semântica	Item em CV		Étimo	Significado	Fonte(s)
Fórmulas de conversaço, exclamaçoēs	ariópe	Impf.	hurry up	~	Cr_1950
	biquaite	Impf.	be quiet!	~, 'shut up'	B_BS_2010
	camóne	Impf.	come on!	~, hurry up	Cr_1950
	guiraute, guiraudoei	Impf.	go/get out (away)	~, 'bugger off'	Cr_1950
	lucáute	Impf.	look out	attention, watch out!	Cr_1950
	manitenquese	Form.	many thanks	thank you very much!	Cr_1950
	okei / okay / ok	Form. A	okay	~	B&L_2002
Maldiçoēs & Insultos	salóngue	Form.	so long	~, Bye! See you soon!	Cr_1950
	bitch sanha	Excl.	bitch ~	~ ? (curse)	Gl_PC
	godarrél	Excl.	go to hell!	~	Cr_1950
	godéme	Interj.	God dam it.	~	B_BS_2010
	sabandidja!	N	son of ?	? (curse)	B_LK
	sanababitcha	N	son of a bitch	~	Cr_1950
	sanabagana		son of a gun	'son of a canon' (insult)	Cr_1950

⁴⁴ Alguns dos lexemas classificados como anglicismos nas fontes poderiam também ser de origem francesa (>fr.) ou transferências indiretas (Ing.> Pt. > CV), como por exemplo, cv. *eroportu* (> ptg. *aeroporto* > ing. *airport*), cv. *alarmi* (>pt. *alarme* > ing. *alarm*).

Termos marítimos	arenki	N	herring (> pt. arrenque)	herring	GI_PC; Cr_1950
	blôque		(pulley) block	pulley block	Cr_1950
	blófe		bluff	~, ruse, cunning,	Cr_1950
	boti	N	boat (> pt. bote?)	row boat	GI_PC
	brêche	N	bridge	~ of a ship	Cr_1950; Sw_2015;
	bumbe		boom	boom crane	Cr_1950;
	chipechandra	N	ship chandler	~	Cr_1950; Sw_2015
	chute		chute	coal chute	Cr_1950
	coltara	N	coal tar	~ paint	Cr_1950
	créne, crénista	N	crane	~, ~ worker	Cr_1950
	cróque	N	crook	stick with hook	Cr_1950
	derique	N	derrick	~	Cr_1950
	dique	N	deck (>pt. dique?)	~ of a ship	Cr_1950
	dóka	N	dock	~	GI_PC
	gangôai	N	gangway	~	Cr_1950
	iáti	N	yacht (>iati)	~	B&L_2002
	raite	N	right	~, justice	Cr_1950
	selo/ selá / seló	N	sailor		Cr_1950; B_BS 2010;
Negócios, comércio	bisniz / bisnize/ birnis		business	~	D_2008; Q_1998; GL_PC: B_BS_2010
	bite	N	bit	money of no worth, sth. insignificant	Cr_1950
	bóssso, bossomane	N	boss, boss man	~, master, foremen	Cr_1950
	djobe	N	job	~, employment, profit	Cr_1950; B_BS_2010
	dóla	N	dollar (>pt. dólar?)	~	B&L_2002;
	donquema	N	donkey man		Cr_1950
	faiaman	N	fire man		Cr_1950
	katrapila	N	caterpillar	~	B&L_2002;
	manadja	N	manager	~	B&L_2002;
	móni	N	money	~	Cr_1950
	ovataime	N	overtime	~	Sw_2015

	stópi	N	stop	stop sign	B&L_2002; Q_1998; GL_PC; B_BS 2010
	tchança		chance	~, oportunity	B_BS 2010
Objetos de uso diário & Roupa, acessórios, joalheria	brasileti		bracelet (>pt. bracelete?)	watch strap	G_PC
	belachuto		boiler suit	~	Cr_1950
	bikini		bikini	bathing suit (woman or man)	GL_PC
	boxer	N	boxer shorts	~	GL_PC
	ovacôte	N	overcoat	~	Cr_1950
	plóva	N	pullover	~	B&L_2002, Q_1998; GL_PC
	robi	N	robe (>fr. robe?)	dress, gown	GL_PC
	spraidi inseticida		sprayer (de ~)	insecticide spray	GL_PC
	springa	N	spring	elastic	Q_1998; GL_PC
	springi	N	spring	coil spring	B&L_2002
	tixart	N	t-shirt	~	B&L_2002
	trôsa, trus	N	trouser (>fr. trousses?)	~	Q_1998; GL_PC
	xaili	N	shawl	~	GL_PC
Desporto	bodybord	N, x`?	body board	~	GL_Funana
	bombrei	N	boundaries	~/ marks in cricket	Cr_1950
	cátche / catchi	V	to catch	~	Cr_1950
	catchi-me	V _{impf.}	catch me	throw to me	Cr_1950
	chuto / xutu	V	to shoot	~ in sports	Cr_1950, B&L_2002
	dribla	V	to dribble	to dribble (in soccer)	B&L_2002
	futiból (via pt.)	N	football	soccer	B&L_2002
	golu (via pt.)	N	goal	soccer goal	B&L_2002
	ofeçáite	N	off side	~	B_BS_2010
	pingi-pongi	N	ping-pong	ping-pong	Cr_1950; GL_PC
	réfe	N	referee	~	Cr_1950
	timi	N	team	team	Q_1998; B&L_2002. GL_PC
	windsurf	N	wind surf	wind surf	GL_Funana
Comida, bebida, refeições, outros bens consumíveis &	behki	N	baking (?)	baking powder	GL_PC
	ceife	N	safe	food storage	Cr_1950
	dringue	N	drink	~	Cr_1950
	kustarda	N	custard	custard	GL_PC

conceitos relacionados com o consumo	doneti	N	donut	donut	B&L_2002
	dróps	N	drops	candy	GI_PC
	grogue	N	grog	Capeverdean rum	Cr_1950; GI_Funana
	kampingás	N	camping gas	~	B&L_2002;
	kek, keki	N	cake	~	B&L_2002; GI_PC; Sw_2015;
	ketxepe	N	ketchup	~	GI_PC
	lánxi	N	lunch (> pt. lanche)	~	
	pontchi	N	punch	~	GI_Funana
	puadin /-m	N	pudding	~, wedding cake	GI_Funana, GI_PC; Sw_2015:
	sándis	N	sandwich (>pt. sandes)	~	B&L_2002
	tarti	N	tarte (>fr. tarte)	~	GI_PC
	uíski	N	whisky (>pt. uíski)	whisky	Q_1998; B&L_2002;
	ximoku	N	smoke	cigars	Q_1998;
	xingua	N	chewingum	~	Q_1998; B&L_2002
Tecnologia	diskman	N	discman		GI_PC
	láitis	N	lights	torch, flash light	BL&L_2002, Q_1998; GI_PC
	okimeni, olkimeni	N	walkman		B&L_2002, GI_PC
	satchlaite tilivizon	N	searchlight television (>pt. televisão)	~, strong torch ~	Cr_1950 GI_PC
	vídiu	N	video (>pt. video)	~	GI_PC
Categorias para seres humanos	bitch	N	bitch	~	RnT
	blaqueféla		black fellow	black person (race)	Cr_1950
	broda/ bróda/ bro/ brother	N	brother	mate	B&L_2002, RnT, GI_PC
	boy, boizin		boy	small boy	RnT; B_BS_2010
	dread	N	dread	s.o. who's allright	RnT, xxx
	fan	N	fan	admirer	GI_PC
	gangsta / gangster	N	gangster	~	RnT

	lofa	N	loafer	~	Cr_1950
	nhénque, nhénqui	N	Yankee	American	Cr_1950
	nobodi	N	nobody	~	Cr_1950
	ronouei	N	runaway	~, s.o.who embarked clandestinely	Cr_1950
	xeft	N	chief (>pt.>fr. chef)	~	B_BS_2010
Discurso de rap	hip hop, rap, street, underground	Ns	~	~	C_RnT
	MC	N	MC	~	C_RnT
	nigga	N	nigger	ingroup-term for s.o. close & respected	C_RnT
	people	N	people	~	C_RnT
Nomes (outros)	chaine	N	shine	~, gloss, polish	Cr_1950
	dendja, dendjar	N	danger	~	Cr_1950
	treili	N	trail	way of life	Q_1998;
	xó	N	show off	~	GL_PC
Verbos (outros domínios)	(odja) blu	V	blue	double vision	
	bul-bul	V	to burble (onomatopeia?)	bubbling slowly	GL_PC
	chatópe	V	to shut up	~	Cr_1950
	djampá, djampe	V	to jump	~, jump-jump	Cr_1950
	fairópe	V	to fire up	keep the fire going	Cr_1950
	fandáta	V	to find out (? etimologia africana?)	to ask around, inform	??
	nhoki /konki	V	to knock (? >Mandinka)	~	GL_PC
	tcheka	V	to check	~	Q_1998; C_RnT
Adjetivos	d'tiofe	A	tea-off	without tea = without food & drink	B_BS_2010
	fine / faine	A	fine	~	Cr_1950; B_BS_2010
	isi	A	easy	~	Cr_1950; B_BS_2010
	kru	A	crude (>pt. cru?)	~	GL_PC
	nhongra	A, N	hunger	hungry, hunger	B_BS_2010
	quaité	A	quiet	~	Cr_1950

	quàique	A	quick	~	Cr_1950
	rudi		rude	~	GL_PC
	sexi	A	sexy	~	C_RnT
	sôfa	A	loaf /soft?	weak, coward	Cr_1950
	spikento	A	speak	?	B_LK
	super	A	super	~	
	txipi	A	cheap	stingy	B&L_2002; GL_PC;
Advérbios, etc.	iguine	Adv	again		Cr_1950
	nófe, nafe	Adv./A	enough	~	Cr_1950
	ndéngue	Quant.	nothing	~	Cr_1950
	qiúquí	Adv.	quickly	~	Cr_1950
	raidô	Adv.	right all	~ directly, allright	Cr_1950
	raidoê	Adv.	right way	directly	Cr_1950
	(em) stân-bai	Adv.	stand by	~ de prevenção.	B_BS_2010
	streitoei	Adv.	straight away	~, directly	B_BS_2010
	(vim) fulespide	Adv.	full speed	~	B_BS_2010